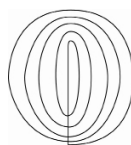


# NÍVEIS DE REALIDADE

EDIÇÃO DE 2021 do

## COMPÊNDIO EM LINHA DE PROBLEMAS DE FILOSOFIA ANALÍTICA

2018-2021 FCT Project PTDC/ FER-FIL/28442/2017



Editado por  
Ricardo Santos e Pedro Galvão

ISBN: 978-989-8553-22-5

Compêndio em Linha de Problemas de Filosofia Analítica  
Copyright © 2021 do editor  
Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa  
Alameda da Universidade, Campo Grande, 1600-214 Lisboa

Níveis de Realidade  
Copyright © 2021 do autor  
Breno Hax Junior

DOI: <https://doi.org/10.51427/cfi.2021.0088>

Todos os direitos reservados

**Resumo:**

A noção de nível de realidade e a tese de que há níveis de realidade ou níveis ontológicos, em contraste à tese de que níveis são características atribuídas por descrições da realidade, são examinadas. Alguns filósofos consideram que a noção de nível de realidade envolve a noção de hierarquia. O papel das relações que produzem níveis é discutido. Não são encontradas razões para supor que a noção de nível de realidade é indispensável em teorias metafísicas.

**Palavras-chave:**

Relações que produzem níveis, hierarquia de níveis, redução, composição, instanciamento.

**Abstract:**

The notion of level of reality and the thesis that there are levels of reality or ontological levels, in contrast to the thesis that levels are features of our descriptions of reality, are examined. Some philosophers consider that the notion of level of reality involves the notion of a hierarchy. The role of producing-level relations is discussed. Reasons to suppose that the notion of level of reality is indispensable in metaphysical theories are not found.

**Keywords:**

Producing-level relations, hierarchies of levels, reduction, composition, instantiation

# Níveis de Realidade

DOI: <https://doi.org/10.51427/cfi.2021.0088>

Há níveis de realidade? Quais são os argumentos para afirmar que há níveis de realidade ou níveis ontológicos?

## 1 A concepção de nível de realidade

O primeiro uso da noção de nível em filosofia analítica é um uso estritamente semântico por Paul Oppenheim e Hilary Putnam em seu artigo 'Unity of Science as a Working Hypothesis' de 1958. Oppenheim e Putnam introduzem a noção de nível como um passo da sua proposta de unificar a ciência por meio da redução de ramos (*branches*) científicos a outros ramos (como na redução da química à física) (1958: 5). A concepção de redução usada por Oppenheim e Putnam é introduzida por Kemeny e Oppenheim no artigo 'On Reduction' de 1956. Oppenheim e Putnam apresentam as seguintes condições necessárias e suficientes para uma teoria T2 reduzir-se a uma teoria T1: (1) o vocabulário de T2 contém termos que não estão no vocabulário de T1, (2) quaisquer dados observacionais explicáveis por T2 são explicáveis por T1 e (3) T1 é tão bem sistematizada (*systematized*) quanto T2 (1958: 5).

Os níveis de que Oppenheim e Putnam falam são 'níveis redutivos' (*reductive levels*) (Oppenheim e Putnam 1958: 9). Cada nível tem um conjunto de predicados a ele associado (1958: 10). A redução de um ramo da ciência a outro ramo é feita por meio da redução das frases que expressam as leis de uma teoria de um ramo às frases que expressam as leis de uma teoria de outro ramo. Nesta redução, os objetos do universo de discurso B2 'são todos (*wholes*) que possuem uma decomposição... em partes próprias que pertencem todas ao universo de discurso de B1' (1958: 6). O número de níveis deve ser finito e cada entidade de um nível deve ser composta unicamente de entidades do nível abaixo. Esta última exigência não vale para as entidades do nível mais baixo porque não possuiriam partes na acepção semântica em que não possuiriam partes que pertençam ao universo de

discurso de frases que especificam leis científicas. Cada nível inclui os níveis mais altos (1958: 8).

Jaegwon Kim (2002: 3) afirma que tipos nômicos (*nomik kinds*) desempenham um papel essencial na abordagem de Oppenheim e Putnam (1958). Tipos nômicos ou científicos são aqueles tipos naturais sobre os quais as leis científicas falam. Jerry Fodor observa que há uma 'dependência' circular entre as noções de tipo nômico, lei científica e teoria científica (Fodor 1974). Tipos nômicos (*nomik kinds*) ou científicos são aqueles tipos naturais sobre os quais as leis científicas falam. Jerry Fodor observa que há uma 'dependência' circular entre as noções de tipo nômico, lei científica e teoria científica (Fodor 1974). Podemos dizer que para Oppenheim e Putnam os objetos de cada nível estão na extensão de tipos nômicos daquele nível e pertencem ao universo de discurso das leis daquele nível. Na proposta de Oppenheim e Putnam, os termos de tipo usados para especificar os níveis são 'partículas elementares', 'átomos', 'moléculas', 'células', 'seres vivos' e 'grupos sociais'. As leis científicas que falam dos objetos do nível B2 são reduzidas às leis científicas que falam dos objetos de B1 nos quais os objetos de B2 se decompõem. O termo de tipo que possui como extensão os objetos do nível B2 ('átomos') e o termo de tipo que possui como extensão os objetos do nível B1 ('partículas elementares'), todos eles partes dos objetos de B2, são termos usados na formulação de leis científicas.

De acordo com Oppenheim e Putnam, algo é um agregado e não um todo porque suas partes não são de mesmo nível. Assim, 'um homem em uma cabine telefônica' especifica 'um agregado (*aggregate*) de coisas de níveis diferentes que não consideraríamos um todo em sentido estrito' (1958: 11). Por essa razão, 'homem em uma cabine telefônica' não é um termo de tipo nômico na teoria de Oppenheim e Putnam.

Assim, na abordagem de Oppenheim e Putnam, o discurso sobre níveis é um discurso indireto sobre universos de discurso. Estritamente falando, objetos físicos estão em universos de discurso (Oppenheim e Putnam 1958: 9) e as leis são de algum nível em particular porque as frases que as expressam têm objetos daquele nível em seu universo de discurso.

A terminologia de níveis é usada por C. Lloyd Morgan em 1923. Morgan formulou uma teoria de que a realidade possui

níveis: 'sejam três níveis (*levels*) sucessivos de acontecimentos (*events*) naturais A, B e C' (Morgan 1923: 11). Estes níveis são matéria, vida e mente. Morgan usa a noção de níveis para argumentar em favor da tese de que leis de um nível hierarquicamente acima são irredutíveis às leis dos níveis abaixo daquele. Cada nível 'emerge' do nível anterior. Morgan apresenta a seguinte lista não-exaustiva das entidades que se distribuem nos níveis da realidade: 'átomos', 'moléculas', 'coisas (*things*) (por exemplo, cristais)', 'plantas', 'animais', 'seres humanos' (Morgan 1923:11). Morgan não afirma que há o nível das plantas ou o nível dos animais. Os tipos planta e animal são parte de uma hierarquia dentro do nível vida.

## 2 Níveis em forma arbórea

Kim (2002) apresenta uma proposta de níveis sem hierarquias lineares a partir de sua reflexão sobre a teoria de Oppenheim e Putnam (1958). O critério apresentado por Oppenheim e Putnam exige que os objetos de cada nível — com exceção dos objetos do nível mais baixo — sejam compostos unicamente por partes de nível abaixo. Kim observa que a aplicação do critério decomposicional gera resultados diferentes daqueles esperados por Oppenheim e Putnam no artigo de 1958. Os objetos que são do tipo nômico 'organismo' não se decompõem apenas em células. Sua decomposição completa tem também 'moléculas livres' que não pertencem a células e mesmo assim desempenham 'papéis causais indispensáveis no funcionamento biológico destes organismos' (Kim 2002: 14). Assim, o nível abaixo de Organismo é o nível de objetos que são dos tipos nômicos Célula e Molécula Livre. Em contraste, na teoria de Oppenheim e Putnam, moléculas seriam os únicos objetos do nível abaixo do nível das células, e este seria seu 'nível próprio'.

Kim sugere que o 'esquema' de Oppenheim e Putnam poderia ser desenvolvido no uso de um domínio universal  $U$  que coincide com o mundo de espaço-tempo e é o tópico da ciência física. A abordagem de Kim combina decomposição em tipos nômicos e domínios estruturados de um modo não-linear. Kim prefere a noção de domínio à noção de nível porque considera que esta última noção possui certas associações avaliativas (*evaluative*) como 'a idéia de que o que está mais alto é de alguma maneira mais altamente evoluído e avançado', 'mais

rico (*richer*)' e 'mais valioso' (Kim 2002: 17) do que o que está em nível mais baixo. Kim afirma que esta associação avaliativa é sugerida pela proposta de Morgan. É importante observar que a proposta de Oppenheim e Putnam (1958) não possui esta sugestão. De acordo com Kim, o domínio universal tem um subdomínio  $U_A$  formado por átomos e agregados de átomos e um subdomínio  $U_M$  formado por moléculas e agregados de moléculas. O domínio universal também tem um domínio de células ( $U_C$ ), de seres vivos ( $U_L$ ) e de grupos sociais ( $U_S$ ) (Kim 2002: 16-18). Todos os domínios são subdomínios do domínio universal mas eles podem se interseccionar sem que haja inclusão de um subdomínio em outro subdomínio. E estes ramos podem unificar-se. Kim também sugere que a exigência composicional seja suavizada de modo tal que cada objeto seja composto de partes que são de níveis mais baixos sem exigir que todas as suas partes sejam apenas do nível imediatamente abaixo (2002: 15). Deste modo, Kim sugere, a distribuição dos níveis pode apresentar a estrutura de uma 'árvore' com muitos ramos ao invés de uma 'escada'.

### 3 Há uma noção comum de níveis?

As propostas de Morgan, Oppenheim e Putnam, e Kim usam a mesma noção de nível, em acréscimo ao seu uso da palavra 'nível'? Kim considera que propostas de níveis são propostas de hierarquias de níveis:

Toda esta fala sobre níveis pode revelar-se apenas uma figura de linguagem, uma metáfora inócua mas sugestiva, que pode ser parafraseada facilmente. Mas o que muitas vezes parece implícito é certa imagem (*picture*) ontológica abrangente (*overarching*) do mundo de acordo com a qual as entidades do mundo natural estão organizadas em uma hierarquia ascendente de níveis, de mais baixo a mais alto, de mais simples a mais complexo. Eu proponho que comecemos a considerar seriamente a fala sobre níveis e sua metafísica associada... e tentemos fazer sentido dela – ou pelo menos tanto sentido quanto pudermos... A idéia de 'mais alto' e 'mais baixo' é essencial à imagem dos níveis (*level picture*): os níveis são ordenados de mais baixo a mais alto... A menos que se possa falar significativamente de 'mais alto' e 'mais baixo' há pouco propósito (*point*) de falar-se sobre níveis. (Kim 2002: 3)

Outros autores apresentam teorias que associam o termo 'nível' ao termo 'hierarquia'. Alguns autores em filosofia da ciência, como Brian Ellis, falam de níveis como níveis de hierarquia de tipos

naturais (Ellis 2002: 26, 27, 36). Ellis fala de 'níveis de organização' (*organization*) dos tipos naturais (Ellis 2002: 28). Crawford Elder defende a existência de hierarquias de tipos naturais sem usar a noção de nível (Elder 1994).

John Heil afirma que há uma 'imagem dos níveis' (*picture level*) (ou uma 'Teoria da Imagem' (*Picture Theory*)) aceita por muitas teorias metafísicas contemporâneas que não é exatamente uma teoria (2003: 6) e que propõe que há hierarquias de propriedades, objetos e tipos, o que sugeriria haver 'níveis de ser' (*levels of being*). Heil opõe-se a essa concepção com a tese (apoiada no argumento da exclusão causal de Kim 1993: 351-353) de que as propriedades físicas é que figuram nos acontecimentos que estão em relações causais e não haveria razões para supor que haveria camadas (*layers*) acima de propriedades porque estas propriedades seriam causalmente neutras. Heil propõe que a concepção de níveis é motivada pela idéia de que haveria discursos cujos termos 'corresponderiam' a propriedades de níveis mais altos (termos mentais são exemplos que ele apresenta) e sugere como alternativa que consideremos que quando nossas afirmações sobre o mundo são verdadeiras, há algo sobre o mundo que as torna verdadeiras, no uso de alguma versão de teoria de *truth-making*. Heil propõe que todas as afirmações verdadeiras são feitas verdadeiras por entidades que figuram em relações causais e não por entidades de supostos níveis que não figuram em relações causais.

#### 4 Há níveis sem relações que os produzam?

Eu proponho que a relação pela qual as entidades de um nível em particular produzem as entidades do nível acima é a relação que produz níveis. Esta relação desempenha o papel de distribuir as entidades em cada nível. Uma vez que há uma relação que produz os níveis em cada teoria particular (composição, instanciamento, etc), falar sobre níveis de realidade é um modo de falar de níveis sem mencionar a relação que os produz. Eu proponho que a questão sobre se há níveis depende da questão sobre se há relações que produzem níveis.

Conforme Oppenheim e Putnam (1958), as entidades de um nível e as entidades do nível acima estão ligadas por meio de uma relação composicional. Kim nota que a relação *ser parte de* organiza ou ordena as entidades em cada nível na teoria de Oppenheim e

Putnam (Kim 1993: 337-338). A proposta sugerida por Kim (2002) também faz uso de uma relação composicional. Para Morgan (1923), as entidades de um nível produzem as entidades de outro nível por meio de emergência. Mostrarei como a relação de instanciamento (*instantiation*) produz os níveis na teoria de Oswaldo Chateaubriand (2001)

A teoria de Oppenheim e Putnam (1958) e a teoria de Kim (2002) podem ser consideradas, feitas algumas qualificações, como propostas que incluem a tese de que há uma relação importante entre nível, relação composicional (composição e decomposição são dois modos da relação composicional) e tipo nômico. A primeira qualificação é que Oppenheim e Putnam não propõem uma ontologia de níveis. Em sua teoria, níveis são elimináveis em termos semânticos. Falar de níveis na proposta Oppenheim e Putnam é falar de enunciados de leis científicas e de seus universos de discurso. A segunda qualificação é que Kim não afirma que a realidade possui níveis e sua proposta de uma hierarquia de níveis usando uma relação composicional como ligação entre objetos e partes que são de tipos nômicos é bastante similar à atitude da 'tolerância' que Rudolf Carnap apresenta de desenvolver propostas filosóficas e avaliá-las por seus frutos (Carnap 1956).

As teorias que consideram verdadeira a tese de que a relação entre *ser uma parte de x*, *ser de um tipo nômico k* e *ser de um nível da realidade b* é necessária podem facilmente considerar que a existência de níveis depende da existência de objetos compostos. Essas teorias propõem que um universo em que há somente um objeto simples é um universo sem níveis ou um universo de um nível único.

Algumas teorias passam do discurso sobre partes ao discurso sobre níveis sem formular precisamente qual é a relação que supõem haver entre esses discursos. Por exemplo, Trenton Merricks (2001), Jonathan Schaffer (2003, 2010) e Jonathan Tallant (2013) parecem usar alguma versão da tese de que há uma relação necessária entre as noções de parte e nível sem discutir essa tese.

Heil afirma que hierarquias de composição e níveis de organização composicional não são níveis de realidade:

Eu não tenho objeção à idéia de que a realidade é hierárquica no sentido de que algumas coisas têm outras coisas como partes. Níveis de organi-



zação, porém, não são níveis de realidade no sentido forte em questão aqui (Heil 2003: nota de rodapé à p. 30).

Uma importante questão é se a verdade da tese de que algumas coisas têm partes é suficiente para a verdade da tese de que há uma hierarquia composicional na realidade ou a verdade da tese de que há uma hierarquia de 'níveis de organização' na realidade.

Morgan (1923) propõe que acontecimentos naturais emergem em níveis e esta proposta pode ser interpretada como uma proposta que inclui a tese de que há uma relação necessária entre *ser de um nível B* e *ser produzido por emergência*. Para uma discussão de emergência na teoria de Morgan, cf. Kim (2002).

Relações de instanciamento entre entidades que instanciam e entidades instanciáveis desempenham o papel de relações produtoras de níveis na teoria de Chateaubriand (2001). Chateaubriand propõe que a realidade possui uma hierarquia de níveis na qual objetos que não são propriedades nem estados de coisas são do nível 0, propriedades de objetos de nível 0 são propriedades de nível 1, propriedades de propriedades de nível 1 são do nível 2. Algumas propriedades lógicas figuram em mais de um nível (Chateaubriand 2001). A relação de instanciamento é a relação que produz os níveis na teoria de Chateaubriand. Por exemplo, de acordo com a teoria de Chateaubriand, as entidades do nível 1 são deste nível porque são instanciadas pelas entidades de nível 0.

## 5 Níveis são indispensáveis em metafísica?

Assim como acontece com outras palavras do discurso filosófico, o uso da palavra 'nível' em teorias filosóficas pode ser tal que esta palavra não tenha um significado único e a tentativa de defini-la pode não abarcar todos os seus usos. Alguns autores usam 'nível' de modo metafórico. Por exemplo, alguns cientistas como Leo Philip Kadanoff, usam a expressão 'níveis de realidade' para falar de níveis de descrição (Kadanoff 1986). Filósofos da física como Peter Lewis falam de 'nível

de descrição do quantum' (Lewis 2016: 63). Paul Churchland (1985) usa de modo metafórico 'níveis de realidade' e 'níveis subatômicos'.

A 'imagem dos níveis' de que fala Kim (2002: 3) é mais do que uma metáfora útil? Esta imagem é uma metáfora que pode ajudar a entender a realidade?

Em 'On Denoting' (1905), Bertrand Russell propõe que parafrasear as frases que falam de certas entidades em frases que não falam daquelas entidades e possuem as mesmas condições de verdade, mostra que o discurso sobre as entidades em questão é opcional. Na abordagem de Russell (1905), a existência de paráfrases deste tipo mostra que existem alternativas de discurso sem 'compromisso ontológico', para usar o famoso modo de falar de W. V. Quine em (Quine 1948), com as entidades de que o discurso parafraseado fala. Eu proponho que as teorias que defendem a tese de que há níveis de realidade precisam mostrar (ou demonstrar) que o uso de níveis de realidade é indispensável para explicar a realidade. Mostrar a indispensabilidade de níveis de realidade para explicar a realidade é mais importante do que mostrar que frases de uma teoria que usa níveis de realidade não podem ser parafraseáveis em frases de uma teoria que não usa níveis de realidade.<sup>1</sup>

Breno Hax Junior  
Universidade Federal do Paraná  
Brenohax@gmail.com

### Referências

- Carnap, Rudolf. 1956. *Meaning and Necessity*, 2nd ed. Chicago: University of Chicago Press.
- Chateaubriand, Oswaldo. 2001. *Logical Forms Part I: Truth and Description*. Campinas: Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência / UNICAMP. (Coleção CLE, 34).
- Churchland, Paul M. 1985. *Matter and Consciousness*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Elder, Crawford. 1994. Higher and Lower Essential Natures. *American Philosophical Quarterly* 31: 255-265.
- Kemeny, John George and Paul, Oppenheim. 1956. 'On Reduction'. *Philosophical Studies* 7: 6-19.
- Kim, Jaegwon. 1993. *Supervenience and mind: Selected philosophical essays*. Cambridge University Press: Cambridge.
- Kim, Jaegwon. 2002. The Layered Model: Metaphysical Considerations. *Philosophical Explorations: An International Journal for the Philosophy of Mind and Action* 5: 2-20.
- Heil, John. 2003. *From an Ontological Point of View*. Clarendon Press: Oxford.

<sup>1</sup> Agradeço ao parecerista pelos úteis comentários e sugestões.

- Kadanoff, Leo Philip. 1986. On two levels. *Physics Today* 39: 7-9.
- Lewis, Peter. J. 2016. *Quantum Ontology: A Guide to the Metaphysics of Quantum Mechanics*. Oxford University Press: Oxford.
- Merricks, Trenton. 2001. *Objects and Persons*. Clarendon Press: Oxford.
- Morgan, Lloyd C. 1923. *Emergent Evolution*. London: Williams and Norgate.
- Oppenheim, Paul and Hilary, Putnam. 1958. The Unity of Science as a Working Hypothesis. In Herbert Feigl, Michael Scriven, and Grover Maxwell (eds.), *Minnesota Studies in the Philosophy of Science*, vol 2. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Feigl, Michael Scriven and Grover Maxwell. *Minnesota Studies in the Philosophy of Science*, vol 2. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Putnam, Hilary. 1969. On Properties. In Jaegwon Kim and Ernst Sosa (eds.), *Metaphysics: An Anthology*. Oxford: Blackwell, 2004.
- Quine, Willard, V. 1980. On What There Is. In Quine (ed.), *From a Logical Point of View*, 2nd ed. Cambridge, MA: Harvard University Press. Original de 1949.
- Russell, Bertrand. 1905. On Denoting. In R. G. Marsh, George Allen and Unwin (eds.), *Logic and Knowledge*. London, 1956.
- Schaffer, Jonathan. 2003. Is there a fundamental level? *Noûs* 37: 498-517.
- Schaffer, Jonathan. 2010. Monism: The Priority of Whole. *Philosophical Review* 119: 31-76.
- Tallant, Jonathan. 2013. Problems of parthood for proponents of priority. *Analysis* 73: 429-38.
- Wittgenstein, Ludwig. 1922. *Tractatus Logico-Philosophicus*. Traduzido por Luiz Henrique Lopes dos Santos, Edusp: São Paulo, 1993.